



inseparáveis da cultura africana. Os leigos têm de esperar mais alguns segundos para que surjam as duas figuras que nos localizam no espaço. Estamos em África. Um músico carrega um peculiar instrumento rústico e um narrador, em alguns minutos, resume o desenrolar da peça. O narrador é um djidiu, nome dado aos tradicionais contadores de histórias africanos que vão de aldeia em aldeia espalhando a sua arte.

A história todos já conhecem. "Qualquer um de nós tem a capacidade de transformar um herói numa besta. Daí que a peça de Macbeth funcione em África, na Europa, no Japão e no mundo todo. Trata-se daquilo a que chamo de doença do poder", explica Andrzej Kowalski, encenador de "Namanha Makbunhe", adaptação de "Macbeth", de Shakespeare, em cena no Teatro da Trindade, em Lisboa.

Nesta versão africana Macbeth chama-se Makbunhe, nome inspirado num dos grandes guerreiros do império Mali. Este guerreiro-herói, acreditando nas profecias de uma feiticeira que havia anunciado a sua ascensão a rei, acaba por deixar-se consumir por esta sede de poder e por ela morrer, após trair o seu povo.

Aqui a língua oficial é o português que surge misturado com variados dialectos africanos. Mas não é só a língua que marca a diferença. A cor, as formas, a luz e a sonoridade de floresta, dos ritmos e dos cheiros foram recriados cenicamente por Lesket Maddzik, o encenador polaco que veio especialmente a Portugal para fazer esta transposição plástica para África.

O encenador polaco da peça, Andrzej Kowalski, conta que para tornar esta transposição cultural possível foi indispensável a vinda de oito actores guineenses para integrar o elenco. "Eles ajudaram-nos a encontrar a raiz, a dar alma a um espectáculo que é feito na perspectiva de um africano".

Em 2006, quando Kowalski fez a adaptação da peça "Antígona", levantou a polémica sobre se o encenador deve, ou não, ser fiel ao texto original. "Eu não tenho respeito ao texto no sentido de um trabalho filológico. O texto é somente um ponto de partida, que permite uma reflexão sobre o tema. Eu estabeleço sempre uma relação individual, intimista com o texto". "Namanha Makbunhe" é, portanto, uma adaptação. E basta.

A transposição aconteceu naturalmente através de um aproveitador do misticismo quotidiano de África. "Foi só trazer os gestos e as atitudes. Nós somos muito mais naturais e calculistas. Em África o misticismo vive-se no dia-a-dia".

Trata-se de um espectáculo de cor, som e textura, misturado com línguas imperceptíveis e rituais

E acrescentemos: em qualquer parte do mundo. M. C.

Fragmentos em Letra Pequena para Duas Vozes

A partir de Luís Fonseca e Samuel Beckett
Encenação de Mónica Calle. Com David Pereira Bastos e Rute Cardoso.



Lisboa. Casa Conveniente. Rua Nova do Carvalho, 11 (ao lado do Sodrê). Até 25/06. De 2ª a sáb., às 20h30. Tel: 962511971. €10 e €7,5



Mónica Calle volta a habitar o universo beckettiano com o à vontade de uma velha amiga. Contudo, esta familiaridade leva a algumas

cumplicidades privadas que empurram o espectáculo para o signo da evocação e do acaso. Apresentado na penumbra da pequena cave da Casa Conveniente, com os actores a representarem com água pelos tornozelos, para uma plateia de onze lugares, assistimos a dois monólogos de duas figuras roubadas ao imaginário de Beckett. Apesar da intimidade e proximidade que o espaço proporciona, o rigor e a matemática da interpretação de David Pereira Bastos - um jovem actor de uma versatilidade, intensidade e disponibilidade invulgares - cria uma imperceptível quarta parede. Rute Cardoso não suporta a mesma intensidade e, embora criando alguns momentos cativantes, atrai o espectáculo para um registo mais arrastado e previsível onde o acaso assume letra maior. Rui Pina Coelho

Quando o Inverno Chegar

De José Luis Peixoto. Encenação: Marco Martins. Com Beatriz Batarda, Dinarte Branco, Gonçalo Waddington, Nuno Lopes.

Lisboa. Teatro Municipal de S. Luiz. R. Anz^o Maria Cardoso, 38-58. Até 30/06. 4ª e Dom. às 21h (domingo 6/06, excepcionalmente às 17h30 sessão em Língua Gestual Portuguesa). Tel.: 213257650. 5€ a 20€ (incluindo a deslocação).



É um espectáculo que junta o realizador Marco Martins, o escritor José Luis Peixoto e os actores Beatriz Batarda, Dinarte Branco, Nuno Lopes e Gonçalo Waddington e é resultado de seis meses de trabalho. Inspirada em "A Montanha Mágica", de Thomas Mann, "Quando o Inverno Chegar" passa-se num sanatório.

A Gaiivota

De Anton Tchekov, Luís Miguel Cintra. Companhia: Teatro da Cornucópia. Com Duarte Guimarães, Luís Lima Barreto, Luís

no chamado Teatro Gestual.

Mowat conta que a ideia de fazer uma comédia sobre Salazar surgiu num café enquanto conversava com Miguel Melo (actor que interpreta Salazar na sua fase adulta) e que foi rapidamente aceite por todos. "Acho que os portugueses começam a aprender a lidar com a figura de Salazar."

A ideia da comédia surgiu naturalmente - é esse o registo em que estão habituados a trabalhar. "Por que não uma comédia? Porquê uma ópera ou um drama? É um registo como todos os outros", explica Mowat.

A peça baseia-se em "especulações", como caracteriza o encenador: especula-se como teriam sido os pais de Salazar, o seu nascimento e a sua ida para Lisboa. Mas especula-se, acima de tudo, sobre a sua relação com D. Maria. Maria é a empregada de Salazar que vive consigo no Palácio de São Bento, mas é também a dona do lápis azul, das decisões nas relações internacionais, dos seus discursos e do seu pensamento. Deparamo-nos então com um Salazar apagado, submisso e sovina que depois de cair de uma cadeira, vai pedir ajuda à Nossa Senhora de Fátima (após lhe dar um "recheado donativo"). Mas, como se canta no espectáculo: "Nem a Virgem pode decidir quanto pode uma cadeira resistir".

Doença do poder

Namanha Makbunhe

Encenação: Andrzej Kowalski.

Lisboa. Teatro da Trindade. Largo da Trindade, 7. A. Até 01/07. 4ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 213420000.



AR
O

Miguel
José
ies.
de Maria,
30.

lo, no
ezenas
e pano,
ira -
The
a-feira,

te e
rtida
i cair de
or John
ão por

tem,
olítica.
to que
ar, do
ndo
m mais
nomia, a

dional, já
o é a
pre
sicos/
visual.
ria de se
inglês,
ugal,

om base